

GÓTICOS

Perspectivas contemporâneas

Organizadores

Marcio Markendorf

Daniel Serravalle de Sá

Izabela Drozdowska-Broering

4º Seminário de Estudos do Gótico

Universidade Federal da Santa Catarina

GÓTICOS

Perspectivas contemporâneas

Organizadores

Marcio Markendorf

Daniel Serravalle de Sá

Izabela Drozdowska-Broering

4º Seminário de Estudos do Gótico
Universidade Federal da Santa Catarina

Florianópolis
2023

FICHA TÉCNICA

Conselho Editorial

Amanda Muniz Oliveira, Universidade Federal de Juiz de Fora
Barbara Cristina Marques, Universidade Estadual de Londrina
Gisele Tyba Orgado, University of Birmingham
Josalba Fabiana dos Santos, Universidade Federal de Sergipe
Marcus Matias, Universidade Federal de Alagoas
Yasmim Pereira Yonekura, Universidade Federal do Pará

Projeto gráfico e diagramação

Emilene Lubianco de Sá

Revisão

Os autores

Capa

Daniel Serravalle de Sá

Núcleo Interdisciplinar de Estudos Góticos | NIGHT
Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Comunicação e Expressão | Bloco B | Sala 120
Campus Universitário | Trindade | 88010-970 | Florianópolis | Santa Catarina
E-mail: d.serravalle@ufsc.br | Fone: +55 (48) 3721-9455

FICHA CATALOGRÁFICA

Catálogo na fonte pela Biblioteca Universitária da
Universidade Federal de Santa Catarina

S471g Seminário de Estudos do Gótico (4. : 2021 : Florianópolis)
Góticos [recurso eletrônico]: perspectivas contemporâneas /
organizadores: Marcio Markendorf, Daniel Serravalle de Sá, Izabela
Drozdowska-Broering — Florianópolis : UFSC, 2023.
155 p.

Evento online de 24 a 27 de agosto de 2021
E-book (PDF)
ISBN 978-85-8328-155-9

1. Literatura gótica — Seminário. 2. Cinema gótico — Seminário.
3. Ficção gótica (Gênero literário) — Seminário. I. Markendorf,
Marcio (Org.). II. Sá, Daniel Serravalle de (Org.). III. Drozdowska-
Broering, Izabela. IV. Seminário do Estudo do Gótico.

CDU: 82.09

SUMÁRIO

Gótico: uma crítica ao racionalismo cartesiano	6
<i>Marcio Markendorf, Daniel Serravalle de Sá, Izabela Drozdowska-Broering</i>	
O vírus como monstro	11
<i>Luiz Nazario</i>	
Entre ruínas: o repertório imagético do pós-apocalipse	29
<i>Pedro Sasse</i>	
Encenação e afeto na composição do horror em <i>Hereditário</i> e <i>Midsommar</i>	47
<i>Ana Maria Acker, Alexia Rodriguez, Éverton Barboza, Paola Altneter</i>	
Diálogos insólitos da narrativa cinematográfica <i>Matinta</i>	71
<i>Suellen Cordovil da Silva</i>	
Tendências do insólito no cinema atual	85
<i>Cynthia Beatrice Costa</i>	
As monstras e encantadas amazônidas: heterotopias e encantarias	100
<i>Marisa Martins Gama-Khalil</i>	
Outras águas, outros rios: aproximações de elementos góticos em Bernardo Guimarães e Augusta Faro	112
<i>Fabianna Simão Bellizzi Carneiro</i>	
Gótico brasileiro: uma irresistível contradição em termos	123
<i>Júlio França</i>	
O gótico: “uma história” (da vampirização, talvez...)	136
<i>Cido Rossi</i>	
Sobre os autores	151
Sobre o 4SEG	154

Gótico: uma crítica ao racionalismo cartesiano

Marcio Markendorf

Daniel Serravalle de Sá

Izabela Drozdowska-Broering

Procurando fertilizar ainda mais os estudos e os debates em torno do gótico, este livro retoma alguns dos trabalhos apresentados durante as conferências e as mesas-redondas do 4º Seminário de Estudos do Gótico (4SEG), evento *online* realizado entre 24 e 27 de agosto de 2021, na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), com apoio do Programa de Pós-graduação em Literatura (PPGLit) e do Núcleo Interdisciplinar de Estudos Góticos (NIGHT).

O gótico, essa ficção que surge originalmente na Grã-Bretanha em meados do século XVIII, pode até parecer algo muito distante da realidade e das questões contemporâneas vivenciadas no Brasil do século XXI. Entretanto, se olharmos para alguns de seus elementos constitutivos, veremos que muitas das suas questões axiais (estéticas e políticas) ainda perduram nos dias de hoje. Embora tenha surgido em um contexto bastante específico, a ideia de que o gótico literário pode ser periodizado é problemática, principalmente se considerarmos como as grandes transformações nas formas de viver ocorridas a partir dos processos de secularização e industrialização do século XVIII impactaram outros contextos nacionais e coloniais.

Podemos pensar o gótico como uma reação literária às ansiedades sociais que culminaram com o início da Idade Contemporânea: o medo das revoluções violentas, a desconfiança com o liberalismo econômico, as dúvidas sobre o racionalismo iluminista, temores aos quais a ficção gótica responde com uma tematização do sobrenatural e um retorno ao mundo medieval — pelo menos no início. Quando o paradigma do conhecimento começa a mudar de *o que se sabe* para *como se sabe*, ou seja, a mudança epistêmica do conhecer renascentista para o entender iluminista, o gótico emerge como um contraponto às crenças na razão absoluta como a única forma de alcançar uma pretensa objetividade. Lembrando que tal crítica epistemológica se constitui a partir da literatura, cuja linguagem sonora, sintática e semântica produz símbolos e imagens que diferem das ferramentas analíticas advindas da filosofia e da ciência.

O Iluminismo, em sua vertente humanista, é um projeto em andamento — ou inacabado, para usar a expressão de Habermas sobre a modernidade —, pois ainda não conseguimos atingir plenamente seus ideais. Não conquistamos liberdade sociopolítica e igualdade jurídica para todos, nem garantimos acesso a saúde, alimentação e educação gratuita à população mundial, a maioria dos países do mundo não conseguiu implantar governos laicos e constitucionais, isso sem falar em alcançar ideais que são mais abstratos, tais como tolerância, compaixão, solidariedade. Dito de outra forma, a crença no método cartesiano como a única forma de o ser humano fomentar o progresso material e científico, cultivar as virtudes éticas e morais, compensar os privilégios de nascimento, ainda está distante de se realizar por completo.

No gótico literário as críticas ao Iluminismo são desenvolvidas por meio da exploração de sentimentos e de fantasias, os quais frequentemente trazem algo de

inquietante. Desejos e paixões, loucuras e devaneios são emoções humanas que comprometem o modelo racionalista, com sua proposta de equilíbrio entre todas as formas de conhecimento e comportamentos. Assim sendo, não é que o gótico se oponha aos ideais humanistas de fraternidade e de igualdade, que de fato devem ser almejados, a questão é que o caminho adotado para se chegar a tais ideais se ancora em uma base filosófica na qual a noção de 'eu' está no centro do mundo: *cogito, ergo sum...* mas, quem seria esse 'eu', mais exatamente? Para Leela Ghandi, tal *status* supostamente “objetivo” do pensamento racional, até mesmo quando se propõe a examinar o subjetivo, contribuiu para certos truísmos pseudocientíficos, os quais ainda têm uma presença vestigial em grande parte da ciência contemporânea.

o sujeito cartesiano onisciente e autossuficiente nega violentamente a alteridade/outridade material e histórica em seu desejo narcísico de sempre ver o mundo em sua própria autoimagem. Essa visão antropocêntrica de mundo é, em última análise, deficiente por conta de sua indiferença para com a diferença, e consequentemente recusa em acomodar o que não é humano.¹ (GANDHI, 1996, p. 30).

Gandhi aponta para o efeito de desumanização gerada por um método de pensar que se afirma onisciente, mas que se torna excludente. O racionalismo cartesiano não consegue proporcionar a decifração completa, por exemplo, da origem de um mal-estar, do significado de um pesadelo, de um sentimento de pânico, de um processo de luto. Muitas vezes, tentar explicar nossas subjetividades individuais de um modo racional resulta em malogro, pois as palavras são inexatas, insuficientes e, quando parece que nos aproximamos de alguma objetividade, a significação já está em outro lugar. O argumento aqui é que a abordagem iluminista, na sua vertente racional-cartesiana, gera seu próprio oposto, pois, ao tentar explicar o que por definição não se pode saber, chama atenção para as falhas nos processos de pensamento, as limitações da matriz racional.

É esse paradoxo que David Punter vê como central para se compreender a ambivalência do gótico literário, o autor observa que “considerar as paixões e emoções como faculdades meramente subjetivas, as quais podem ser colocadas sob o domínio de uma razão onipotente, assim como fizeram os pensadores iluministas, tornará essas faculdades ainda mais incompreensíveis.”² (PUNTER, 1996, p. 24). O Iluminismo, portanto, produz seus próprios duplos e o gótico literário, por sua vez, enfatiza as contradições por meio de sua aparente celebração dos irracionais, dos fora da lei, dos despojados social e culturalmente, das entidades sobrenaturais como fantasmas, vampiros e diversos tipos de monstros que desafiam o discurso dominante do racionalismo.

Adiante, um dos efeitos colaterais do Iluminismo é que, a depender do grau de distanciamento de seus preceitos, alguns seres humanos se tornam menos humanos do que outros, podendo até se tornar monstros, e esta é uma visão que ajuda a construir hierarquias, as quais, amparadas pelas bases filosóficas do racional-cartesiano, viriam a sustentar o colonialismo ao redor do mundo. Nesse sentido, o gótico literário como um contradiscurso ao Iluminismo se faz muito pertinente para falar sobre o Brasil do passado e do presente, onde a colonização, a escravidão e a ditadura fazem do país um campo fértil para a criação de narrativas relacionadas à violência e ao medo. Soma-se a isso o nosso complexo de ser uma nação agrária e mestiça (só falta admitir), imatura em termos da nossa identidade coletiva e ainda colonizada de diversas maneiras.

No gótico brasileiro há numerosas situações que evidenciam nossos dilemas, preconceitos e traumas nacionais, por exemplo, os romances *O Guarani* (1857), de José de Alencar, e *A escrava Isaura* (1875), de Bernardo Guimarães, ecoam temas e imagens do medievalismo europeu que, aclimatados para a realidade brasileira, expõem valores e práticas que sustentam o modelo racional-cartesiano, hierárquico e excludente, como padrão universal. Mais diretamente ao ponto, note-se como as descrições de corpos indígenas, negros e mestiços nesses dois romances desempenham a função ideológica de produzir ojeriza em relação às diferenças étnico-culturais, mesmo quando parecem estar exaltando Peri e Isaura. Os elementos que simbolizam a nação primitiva e selvagem são expurgados por meio de um discurso de horror gótico, o qual, por sua vez, é frequentemente baseado em imagens de violência colonial e racial. No conto “A dança dos ossos” (1871), novamente Guimarães, temos um protagonista que desdenha do “causo” do barqueiro Cirino, um caboclo:

dessa raça semi-selvática e nômade, de origem dúbia entre o indígena e o africano, que vagueia pelas infindas florestas que correm ao longo do Parnaíba, e cujos nomes, decerto, não se acham inscritos nos assentos das freguesias e nem figuram nas estatísticas que dão ao império... não sei quantos milhões de habitantes. (GUIMARÃES, 2023, p. 3-4).

Com sua lógica cidadina, o protagonista minimiza a narrativa extraordinária do caboclo como um produto de credices ou talvez dos “goles” de Cirino, apresentando uma contranarrativa na qual afirma ter visto, certa vez, dois negros carregando um defunto em uma rede, mas que afinal era apenas uma vaca malhada — foi uma ilusão de ótica, uma breve falha na matriz racional. O caboclo pergunta se em algum momento ele teve medo de que o defunto descesse da rede e o levasse pelos ares, ao que ele responde: “o que eu temia, era que aqueles negros acabassem ali comigo, e, em vez de um, carregassem na mesma rede dois defuntos para a mesma cova!” (GUIMARÃES, 2023, p. 11).

O conto de Guimarães é exemplar de como o gótico brasileiro manifesta uma rejeição ao interior do Brasil, que é visto como uma região atrasada e primitiva, povoada por gente parda e supersticiosa, cujas lendas vão de encontro aos ideais de ordem e ao progresso almejado para essa nação. O gótico brasileiro é prolífico em entidades sobrenaturais (sacis, boitatás, curupiras); no entanto, as questões do monstruoso, da desumanização afloram com maior virulência em narrativas que evocam as formas de violência social e racial usadas para fundar o país. São situações que se repetem, por exemplo, em a “Feiticeira” (1893), conto de Inglês de Souza; no qual a força de Maria Mucuí, cuja “cara cor de cobre” e “boca negra, que, quando se abria num sorriso horroroso, deixava ver um dente, um só!, comprido e escuro” (SOUZA, 2023, p. 3) se confunde com o poder do próprio rio Paranapiri. A descrição higienizante e eugenista da feiticeira contribui para o discurso de horror gótico, fomentando aversão às características biológicas, sociais ou pessoais como a cor da pele e o gênero.

O conto “Januário Garcia, ou as sete orelhas” (1852), de Joaquim Norberto de Souza e Silva, narra a história de um pai determinado a vingar a morte brutal do filho, que foi esfolado vivo e esquartejado. Ao mesmo tempo, o conto é um testemunho da violência das excursões dos bandeirantes paulistas “que percorreram os sertões do Rio Grande do Sul, de Goiás e de Mato Grosso”, “que lá se foram a pugnar com espanhóis e

arrasaram esses estabelecimentos”, que “cativaram índios e recolheram-se afinal triunfantes a seus lares” (SILVA, 2023, p. 9). Joaquim Norberto, que era historiador, evoca a violência do passado colonial como matéria prima para sua narrativa de crueldade e morte. O conto demonstra como as bases violentas do sistema colonial continuaram reverberando em um país que já era independente desde 1822. Nesse texto, o gótico brasileiro se manifesta no modo como o escritor revisa o legado de violência da época colonial, fazendo-o relevante para o presente da narrativa, manipulando as imagens literárias conscientemente ou não, muitas vezes com implicações políticas. As consequências das práticas coloniais que vemos tematizadas no gótico brasileiro, principalmente em relação aos indígenas, aos negros e às populações do interior do Brasil, seguem afetando as vidas de tantas pessoas ao longo do século XX e o século XXI, reemergindo em tragédias reais como o rompimento das barragens de Mariana e de Brumadinho, a execução de Marielle Franco, os assassinatos do indigenista Bruno Pereira e do jornalista britânico Dom Phillips, o genocídio dos Yanomamis, para mencionar somente alguns casos recentes.

Foi pensando nessas e em outras questões teóricas e temáticas que os participantes do 4SEG buscaram debater o gótico. O propósito dessa coleção de trabalhos é, então, fornecer ao leitor ferramentas para entender como o gótico é estudado e explicado a partir da perspectiva acadêmica atual, informada pela crítica anglo-americana e pensada, adaptada, aclimatada e desenvolvida no Brasil. Os ensaios que oferecemos aqui permitem compreender o ressurgimento do interesse acadêmico pelo gótico que ocorreu nos últimos anos, assim como fornecer um recurso para entender suas origens, seu desenvolvimento e as circunstâncias por trás de sua sobrevivência através dos tempos.

Nós da organização adiamos por um ano a realização do 4SEG, que inicialmente seria em agosto 2020, na esperança de que a pandemia não se prolongasse e permitisse a realização de um evento presencial em Florianópolis — ledô engano. As táticas de enfrentamento da pandemia adotadas pelo governo federal foram negligentes, desastrosas e as consequências trágicas. A política negacionista dos poderes públicos causaram quase 700 mil mortes, o que se espera agora é que se investiguem as omissões e irregularidades nas ações do governo federal durante a pandemia no Brasil. Na ausência de um plano nacional para o enfrentamento do vírus, em face do número crescente de contágios e óbitos, a Universidade Federal de Santa Catarina, assim como muitas outras universidades entenderam que não seria possível manter as atividades presenciais com a devida responsabilidade.

Em função desse quadro, em 2021, a organização do 4SEG decidiu repensar o evento para que este pudesse acontecer de forma remota. Toda a programação foi redesenhada e as informações foram divulgadas em nossos canais de comunicação: página institucional, Facebook, YouTube e Instagram. A fim de comportar o evento no formato *online*, sem que se tornasse uma experiência exaustiva em frente a um computador, estendemos a programação para quatro dias e intervalamos as mesas, apresentações e as outras atividades para criar os espaços necessários para encontros virtuais confortáveis.

Nossa vontade era receber todos e todas em Florianópolis para esse evento que já está se tornando uma referência na área, mas ficamos apenas no desejo. No entanto, algo que nos deixou realizados foi o comparecimento maciço de pesquisadores, jovens

e experientes, de norte a sul do Brasil, atuantes no Ensino Superior e na Educação Básica. Isso demonstra que longe de ser um tipo de narrativa antiquada e empoeirada, o interesse pelo gótico é algo atual e crescente.

Referências

ALENCAR, José. *O Guarani*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2000.

GANDHI, Leela. *Postcolonial Theory: a critical introduction*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1998.

GUIMARÃES, Bernardo. A dança dos ossos. *Gothic Digital Library@ UFSC*. 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/244037>. Acesso em: 26 jan. 2023.

GUIMARÃES, Bernardo. *A escrava Isaura*. Jandira, SP: Ciranda Cultural, 2002.

HABERMAS, Jürgen. *Ensayos políticos*. Tradução de Ramón García Cotarelo. Barcelona: Ediciones Península, 1988.

PUNTER, David. *The Literature of Terror: the gothic tradition*. London: Longman, 1996. v. 1.

SILVA, Joaquim Norberto de Souza. Januário Garcia, ou as sete orelhas. *Gothic Digital Library@ UFSC*. 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/244036>. Acesso em: 26 jan. 2023.

SOUZA, Herculano Marcos Inglês de. A feiticeira. *Gothic Digital Library@ UFSC*. 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/244038>. Acesso em: 26 jan. 2023.

Notas

¹ No original: “the all-knowing and self-sufficient Cartesian subject violently negates material and historical alterity/Otherness in its narcissistic desire to always see the world in its own self-image. This anthropocentric world view is ultimately deficient on account of its indifference to difference, and consequent refusal to accommodate that which is not human.”

² No original: “to consider the passions and the emotions as mere subject faculties to be brought under the sway of all-dominant reason, as the Enlightenment thinkers did, will render those faculties all the more incomprehensible.”